

FICÇÃO, ESPAÇO E SOCIEDADE

Notas para uma leitura geográfica e social da obra de Alves Redol - *Avieiros*.

Fernanda Delgado Cravidão*

Resumo

A investigação geográfica em Portugal com base em obras literárias não tem grande tradição. A que se tem produzido tem sido principalmente no domínio da Geografia Histórica, onde existe um vasto conjunto de estudos publicados. Com este texto pretende-se dar um contributo para a importância que a literatura pode assumir neste domínio. Com o estudo de Avieiros tenta-se mostrar como uma obra de ficção permite reconstruir, em pequenas comunidades piscatórias, os seus percursos sociais, económicos e culturais, as suas relações com o território e o declínio progressivo de algumas formas de mobilidade espacial que assumiram importante significado no país.

Palavras Chave: Avieiros. Geografia e ficção. Migrações internas.

Resumé

L'investigation géographique au Portugal, ayant pour base les oeuvres littéraires, n'a pas de grande tradition. Ce qui a été fait, fut principalement dans le domaine de la Géographie Historique, où il existe un vaste ensemble d'études publiées. Avec ce texte, on prétend donner un contribut pour l'importance que la littérature peut assumer dans ce domaine. Avec l'étude d'Avieiros, on essaie de démontrer, comment une oeuvre de fiction permet de reconstruire en petites communautés de pêche, ses parcours sociaux, économiques et culturels, ses relations avec le territoire et le déclin progressif d'une certaine manière, de mobilité spatiale qui assumerent une importante signification dans le pays.

Mots-clés: Avieiros. Géographie et fiction. Migrations internes.

Abstract

There is no great tradition in Portugal of geographical research based on works of literature. Most of what exists has been done in the area of Historical Geography, where there is a large body of published work. This paper aims to contribute to the significance that literature can have in this field. Through the study of Avieiros, an attempt has been made to show how a work of fiction allows us to reconstruct the social, economic and cultural development of small fishing communities, as well as their relationships with the territory and the progressive decline of various forms of spatial mobility which have assumed considerable importance in this country.

Key Words: Avieiros. Geography and fiction. Internal migration.

* Este texto tem como base uma comunicação apresentada em Vieira de Leiria em Novembro de 1992.

Cumpre-me agradecer à Senhora Dr.ª Ana Maria Tomé Parracho Brito o convite que me dirigiu no sentido de participar nas comemorações dos 50 anos da publicação de *Avieiros*.

Ao Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Vieira de Leiria agradeço a disponibilidade em ceder algumas fotografias que fazem parte do espólio daquela freguesia.

Ao Sr. Manuel Leira, avieiro residente em Escaroupim, o meu bem haja por todas as informações que teve a amabilidade de me fornecer.

1 - INTRODUÇÃO

"Nómadas do rio, como ciganos na terra, tinham vindo da Praia da Vieira e faziam vida à parte: chamavam-lhes avieiros."

Alves Redol, 1967.

A investigação geográfica com base em obras literárias não é uma questão recente em Portugal. Porém, tem sido principalmente no domínio da Geografia Histórica que os estudos tem tido maior desenvolvimento. Nesta linha colocam-se, entre outros, os trabalhos de JÚLIA GALEGO e SUZANNE DAVEAU (1986), JOÃO GARCIA (1986 a e b) entre outros.

Em Espanha foi a literatura de viagens que despertou maior interesse e fornecendo significativa quantidade de material para a análise de geógrafos e historiadores (BIANCHI, 1985; ORTEGA *et al.*, 1988; C. CARRERAS I VERDARGUER, 1988).

Outros autores, como J. VILACRASA e IBARNZ (1988) publicaram alguns estudos que reflectem quer a propósito da informação que as fontes literárias disponibilizam, quer da conexão entre Geografia e Literatura. As descrições dos espaços, dos tempos, das personagens, das relações afectivas, sociais e culturais que se entrecruzam entre elas e no território, transmitem, ao leitor, a percepção que cada autor tem das comunidades onde se constroem as suas histórias. O geógrafo pode encontrar, aqui, um vasto campo de análise.

A literatura portuguesa é particularmente rica em obras que permitem reconstruir geografia de lugares, grupos sociais, percursos, modos de ocupação do espaço, isto é, um conjunto de fenómenos que com maior ou menor expressão têm marcado a evolução e a dinâmica da sociedade portuguesa. Citaremos apenas alguns exemplos. *A Selva e Os Emigrantes* de FERREIRA de CASTRO (1991, 38ª ed.) dão-nos a conhecer outra face da emigração para o Brasil. "... E quando o ingénua conseguia triunfar (...) e descia sorridente e perturbado pelo contacto com o mundo urbano, a caminho da terra nativa (...) lá estava Macedo com os colegas e as suas hospedarias, que o haviam explorado na subida e agora o exploravam muito mais ainda... De um dia para o outro, o seringueiro de "saldo" (...) via-se sem nada e sem saber como o haviam despojado".

A obra de EÇA de QUEIRÓS é particularmente fecunda seja no domínio da descrição dos espaços - da urbanidade de Paris à simplicidade da vida rural de Tormes -, seja das diferentes percepções do tempo, das relações sociais que dominavam na época ou mesmo dos roteiros gastronómicos que é possível reconstruir a partir da leitura dos seus escritos. Veja-se, também, o trabalho de JOÃO C. GARCIA (1986 a) onde este autor analisa o turismo no final do século passado a partir de escritos de Eça de Queirós. Estâncias como Biarritz, Pau e Arcachon "o clima, a paisagem, as cidades mas sobretudo o turismo e os turistas" são particularmente observados pelo autor de *Os Maias*.

Posteriormente outros autores, nomeadamente os que estiveram ligados ao movimento neo-realista, permitem-nos reconstruir o universo social, económico, cultural e político de um tempo ainda próximo. CARLOS OLIVEIRA centra quase toda a sua obra na Gândara - território situado no centro litoral português, tardiamente povoado, pobre, e de onde saíram, quer para outras áreas do país quer para o Brasil, e mais recentemente para a Europa milhares de gandraeses; MANUEL da FONSECA tem no Alentejo, com todas as contradições que têm marcado a sua história, o universo onde as suas personagens vivem, lutam e morrem; ALVES REDOL é marcado e marca toda a sua obra literária pela sua vivência junto ao rio Tejo. As pequenas comunidades de pescadores e agricultores que sazonalmente procuravam ou no Ribatejo ou no Tejo o trabalho que lhes escasseia nas suas terras de origem constituem o fulcro da sua ficção. Em *Avieiros* Alves Redol transmite toda a sua sensibilidade, capacidade de observação e reflexão quer do(s) espaço(s) quer das comunidades a que pretende dar voz. Desde os diversos itinerários das suas personagens, aos conflitos sociais e afectivos que se desenvolvem nos pequenos núcleos que constituem as comunidades piscatórias, às esperanças da população por um quotidiano melhor e às desilusões que quase sempre os perseguem, *Avieiros* constitui um exemplo de como uma obra de ficção permite conhecer comunidades quase desaparecidas e que fizeram parte, durante largo tempo, da geografia das migrações em Portugal.

Este texto tem dois objectivos principais: por um lado homenagear, ainda que de forma modesta, o escritor e o homem que foi Alves Redol; por outro evocar os *Avieiros* - gente anónima que ao longo de muitas dezenas de anos procurou no rio Tejo o que em Praia da Vieira não encontravam: melhores horizontes de

trabalho. Mas se a esperança era essa, nem sempre a realidade permitiu que se cumprisse.

Situada a Norte de S. Pedro de Moel e distando cerca de 20 km de Leiria, Praia da Vieira é mais outro exemplo de um núcleo litoral que durante largo tempo apenas era habitado por população pobre, em geral oriunda de outras áreas situadas mais a norte¹ que em complementaridade com a agricultura exerciam a actividade piscatória. Porém, esta só podia realizar-se durante os meses de Verão e por isso, parte da sua população procurava, em outras paragens, o trabalho que aqui escasseava. As margens do rio Tejo eram quase sempre o local de chegada.

De resto o texto de Alves Redol indicia o periferismo económico, cultural e social que durante largos anos dominou em numerosas áreas do litoral português, onde Praia da Vieira não constitui excepção. Quando Toino, marido de Olinda (p. 208) coloca a hipótese de fugir à tropa é para junto do mar que pensa desertar. " Toino (...) falava em desertar da tropa, fugindo ambos para a Vieira, onde não dariam fé da sua situação...". A ausência de vias de comunicação, a existência de uma vasta mancha florestal, o facto de só apenas no verão esta pequena praia ser procurada por banhistas, nesta época ainda poucos e das áreas próximas, permite sugerir que a Praia da Vieira era económica e culturalmente periférica. Longe de tudo e de todos, entende-se que muitos dos seus habitantes procurassem novos espaços, onde as condições proporcionassem outras perspectivas de vida.

Uns percorriam, anualmente, num movimento de *vai e vem* a distância entre o mar e o rio. No verão, a pesca e a afluência de banhistas leva-os até ao mar; no inverno o apelo do Tejo trá-los à borda-rio. Alguns fizeram este percurso durante largos anos, outros, a maior parte, acabaria por se ligar definitivamente ao rio. Não raras vezes olhados como "estrangeiros" contituiram comunidades próprias de que ainda existem testemunhos e que devem ser preservados.

Alves Redol nasceu junto ao rio e à lezíria, em Vila Franca de Xira, no dia 29 de Dezembro de 1911. Quando um dia lhe questionaram qual o lugar do mundo que achava mais belo responde sem hesitar: "o cais da minha terra". Esta resposta - que parece indiciar que o local onde nasceu

marcou profundamente o autor -, encerra também quase todo o seu universo referenciador. Quer se trate do universo espacial, quer a referência seja o universo social, a solidariedade com o povo humilde, a esperança de ver construído um mundo novo, princípios a que Alves Redol permaneceu fiel ao longo de toda a sua vida.

2 - OS AVIEIROS

Os *avieiros* assim denominados pela população residente nos lugares para onde se dirigiam sazonalmente, estes homens e mulheres deverão ter iniciado em meados do século passado um percurso que só terminou depois de dobrado o século XX. As deslocações que então se desenvolviam inseriam-se num fenómeno muito mais vasto e que afectava praticamente todo o país. Sustentadas pelos desfazamentos de calendários agrícolas, pela pressão demográfica, pela existência de população rural depauperada, estas migrações - cujo sentido geral pode considerar-se de Norte para Sul -, faziam deslocar alguns milhares de trabalhadores para regiões onde a ceifa, as mondas ou a apanha da azeitona necessitava, temporariamente, de maior quantitativo de mão-de-obra. Compensavam, assim, a falta de trabalho nas áreas onde residiam. É neste cenário que se movimentam os *ratinhos* que das Beiras se dirigem, por meados de Maio, para as ceifas alentejanas; os *gaibéus*, também tratados por Alves Redol, que do Ribatejo e Beira Baixa iam trabalhar para a lezíria; os *lhavos* e os *murtoseiros* que, tal como os *avieiros*, encontram na pesca, no rio Tejo, o trabalho que lhes faltava nas suas terras de origem (Fig. 1).

Os elos de solidariedade aprofundam-se, quase sempre, quando se está longe da terra natal e formam-se núcleos populacionais onde reproduzem a casa, as estruturas familiares, os comportamentos. Isto é, reconstituem-se pequenas "Praias da Vieira" ao longo das margens do rio Tejo e que espacialmente se difundem entre Santarém e Vila Franca de Xira. Vejam-se, a este propósito, as fotografias nºs 1, 2, 3 e 4 onde se podem comparar as antigas habitações da Praia da Vieira - palheiros -, com aquelas que foram construídas pelos *avieiros* ao longo do rio Tejo. Note-se que neste texto apenas se referem os lugares mencionados em *Avieiros*. Porém, a sua difusão teve maior expressão ao longo do rio Tejo. Veja-se o trabalho de ANTÓNIO MATIAS COELHO (1985), *Os Últimos Avieiros no Concelho da Chamusca*. Neste estudo o autor

¹ Note-se que é frequente no cemitério de Vieira de Leiria encontrarem-se sepulturas-em geral as mais antigas-, onde a identificação permite, de algum modo, traçar parte do percurso dos habitantes daquela área. Por exemplo Manuel de Quaiões ou António Tocha, entre outros.

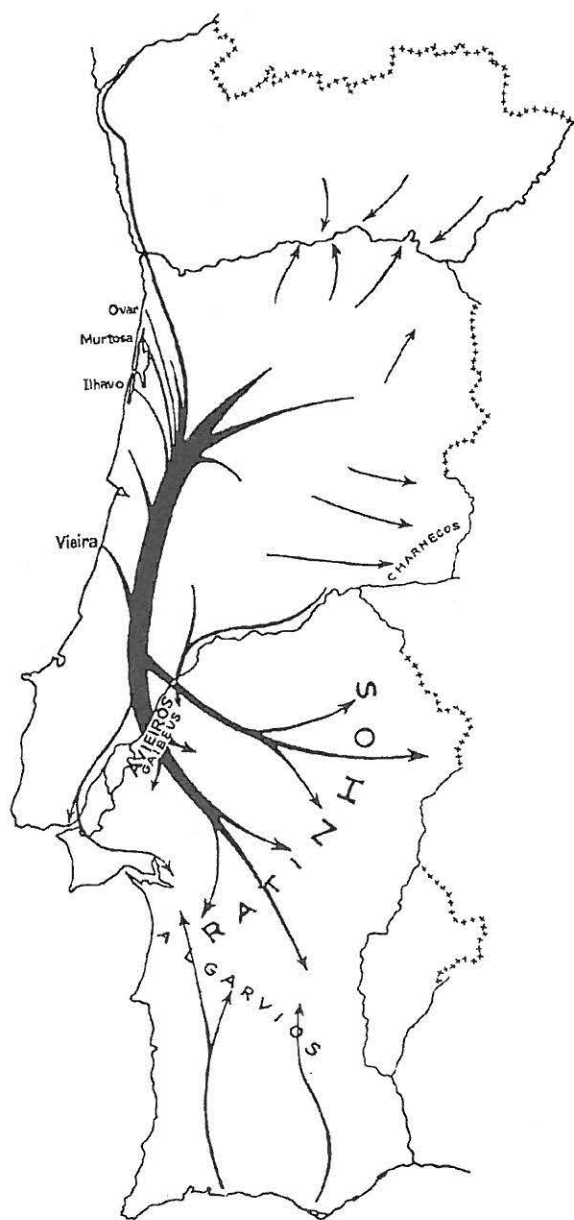


Fig. 1 - Correntes Internas de População
(Adaptado de AMORIM GRÃO, 1960)

analisa as últimas comunidades de avieiros que, como afirma, são "duplamente últimos: porque

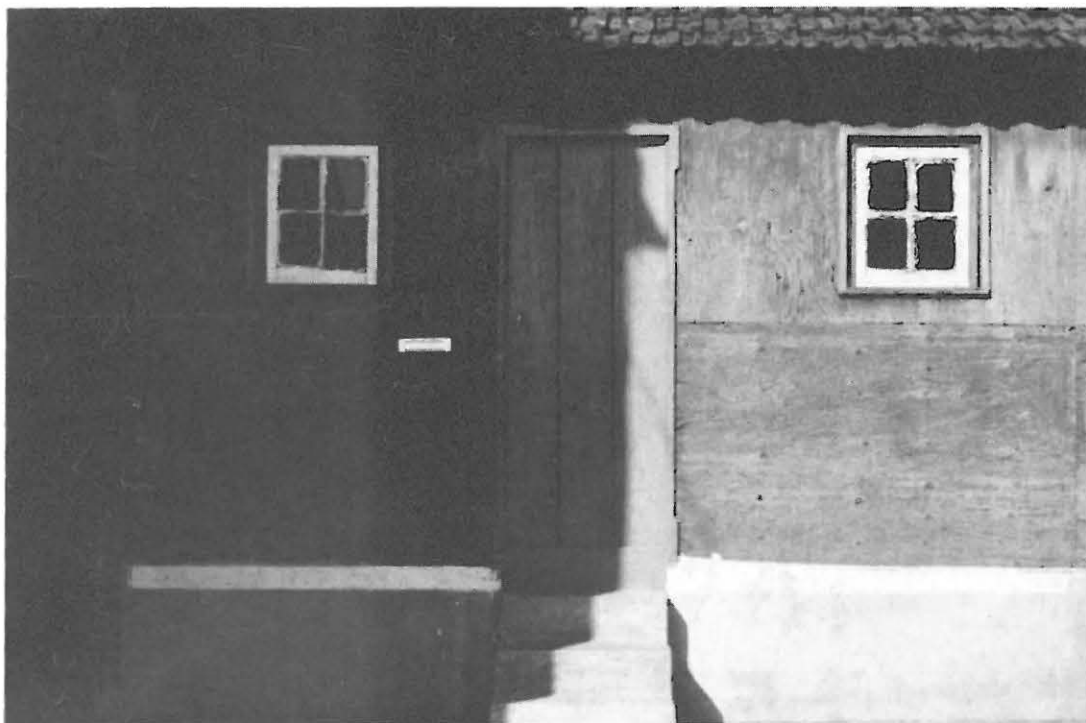
não há mais avieiros no Tejo para montante e porque não haverá mais avieiros no concelho quando estes (...) deixarem vago no Tejo um lugar que ninguém quer." Nessa época o Tejo era rico em peixe e por isso apelava a essas migrações. "A meio da noite, o Tejo parecia aceso com o lume dos archotes" (p.112), afirma Alves Redol referindo-se aos numerosos barcos que então sulcavam o rio (Fotografias nºs 5 e 6).

Mas também aqui a vida não era fácil. Os filhos, quase sempre em número elevado- os avieiros à noite" não conhecem outra distração: a de repetirem o nome das estrelas e contarem os anos de companhia pelos filhos que a bateira embala"(p.162)..; o sistema em que se processava a venda do peixe, a importância progressiva dos intermediários, o desenvolvimento dos transportes que colocam os principais portos piscatórios mais próximos e trazem o peixe mais barato. "Sardinha do alto! Sardinha fresca!... Esta é de Peniche.... Aturdidas com a chegada das camionetas, as avieiras ... teriam de levantar depressa e percorrer os caminhos das aldeias e lugarejos, oferecendo o que ficara por preço mais baixo." (p. 122). Estes serão alguns dos factores determinantes para que muitas das esperanças dos *avieiros* corresse com as águas do rio Tejo. A fome era frequente. "Agora os campos estão cheinhos de papoilas, cujas folhas são um apetite para quem não chega a outro conduto" afirma uma das personagens da obra de Alves Redol (p. 174).

3 - GEOGRAFIA DOS LUGARES

Toda a obra deste autor de uma forma geral, e os *Avieiros* em particular, demonstra que estamos em presença de um escritor onde a paisagem física e a paisagem humana são particularmente tratadas. Por exemplo, ao referir-se aos vários lugares, Alves Redol não raras vezes os enquadra geograficamente como, sob o ponto de vista sociológico, a sua escrita é particularmente rica. De resto, ao verificar-se uma coincidência total entre os topónimos utilizados e os lugares - isto é, uma sobreposição entre a ficção e a realidade -, parece ser sua intenção apelar ao leitor para a correspondência sociológica que também se verificava.

São numerosos os lugares referenciados por Alves Redol. Porém eles têm significados sociais e económicos diversos, seja pela sua própria estrutura funcional, seja porque adquirem objectivos diferentes para os *avieiros* (Fig. 2)



Fot. 1 - Palheiro, actual, em Escaroupim (reconstruído).



Fot. 2 - Outro palheiro construído, por avieiros, em Escaroupim.



Fot. 3 - Alguns dos últimos palheiros de Vieira de Leiria.



Fot. 4 - Mercado, e Praia da Vieira, na época balnear. Princípios dos anos 50.

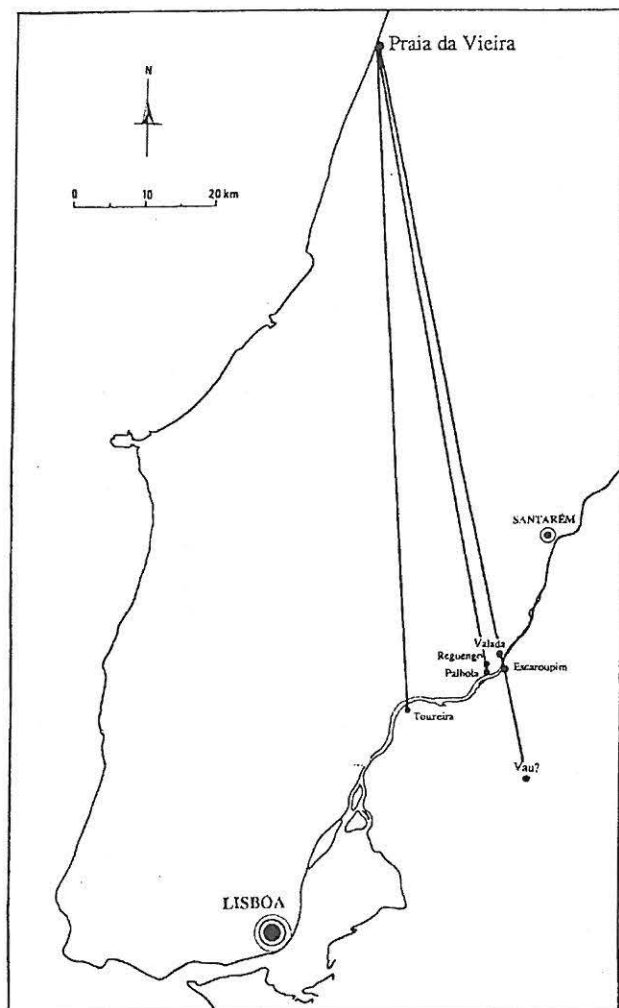


Fig. 2 - Lugares de residência dos avieiros, junto ao Tejo.

Os núcleos populacionais onde residiam, e onde ainda habitam *avieiros* são todos, ou quase todos, lugares de dimensões reduzidas (Quadros 1 e 2).

A prová-lo está o facto de, por exemplo, Escaroupim não vir referido em qualquer recenseamento da população até 1960. Provavelmente a sua pequena dimensão levou a classificá-lo no conjunto de *isolados*. Apenas em 1911 é referido no Censo - Quinta de Escaroupim com 3 fogos e 14 habitantes. Porém, segundo informações que nos foram dadas no actual lugar de Escaroupim não há coincidência espacial entre as duas designações. Tratar-se-ia de uma quinta próxima onde provavelmente os avieiros foram

buscar o topónimo que passaria a designar o núcleo populacional onde se fixaram.

Em 1981 residiam em Escaroupim 209 habitantes e em 1991 apenas 141 (-32,5%). Segundo nos informaram, em Novembro de 1992, toda a população ou é natural da Praia da Vieira ou descende de naturais deste núcleo do litoral.

Palhota, também é referência obrigatória no percurso de numerosos *avieiros*. De menores dimensões e situada quase em frente a Escaroupim vem registada em 1911 com 11 habitantes. Todavia não consta no *Censo* de 1940. Em 1960 residem nesta pequena comunidade piscatória 48 indivíduos que habitavam 20 fogos; em 1981 o número de habitantes diminui para 21 sendo apenas de 13 o total de fogos. Segundo os dados provisórios de 1991 o total de população situava-se próximo do verificado no início do século: 13 indivíduos e 15 alojamentos. De salientar, que em Palhota, pudemos verificar que uma antiga habitação avieira é utilizada actualmente como residência secundária e que este poderá vir a ser um fenómeno com algum significado dentro da pequena dimensão que tem este antigo núcleo piscatório.

Reguengo tinha, em 1911, 333 habitantes; em 1940, 436; em 1960 o total de população era de 319, em 1981 atingia 210 indivíduos, enquanto em 1991 não ultrapassava 195.

Valada, sede de freguesia, compreende-se quer a sua maior dimensão quer a importância que em termos funcionais representava para a população do rio. Com 893 indivíduos em 1911, aumenta para 979 em 1940. Entre este ano e 1960 perde para 789. O declínio continua a

QUADRO 1 - Evolução da População por Lugares. 1911 - 1991

LUGARES	1911	1940	1960	1981	1991
ESCAROUPIM				209	141
PALHOTA	11		48	21	13
REGUENGO	333	436	319	210	195
VALADA	893	979	789	589	527

Fonte: *Recenseamentos da População*, anos de 1911, 1940, 1960, 1981, INE, Lisboa.

XIII Recenseamento Geral da População e III Recenseamento Geral da Habitação, 1991, INE, Lisboa (resultados provisórios).

QUADRO 2 - Alojamentos e Infraestruturas Sanitárias. 1991

LUGARES	ALOJAMENTOS					INFRAESTRUTURAS SANITÁRIAS			
	1911	1940	1960	1981	1991	Água	Elect	Esg.	Lixo
ESCAROUPIM				77	60	S	S	S	S
PALHOTA	3		20	13	15	S	S	N	S
REGUENGO	76	134	104	107	105	S	S	S	S
VALADA	223	263	299	303	287	S	S	N	S

Fonte: *Recenseamentos da População*, anos de 1911, 1940, 1960, 1981, INE, Lisboa.

XIII Recenseamento Geral da População e III Recenseamento Geral da Habitação, 1991, INE, Lisboa (resultados provisórios).

verificar-se já que em 1981 residem neste núcleo 589 habitantes e em 1991 o total era de 527. Isto é, também esta povoação tem vindo a perder efectivos demográficos - entre 1940, ano a que o total de população foi mais elevado, e 1991 diminui 46,2% -, regressão a que não será alheio o desaparecimento progressivo das comunidades formadas pelos *avieiros*.

Vila Franca de Xira constituiu sempre um importante núcleo de população oriundo da Praia da Vieira.² No entanto não é fácil computá-los a partir dos censos já que, fazem parte do conjunto da população daquele centro urbano. No entanto pela dimensão que ainda hoje adquire o local onde residem - uma parte do cais de V. Franca -, é fácil compreender que terá sido um importante local de fixação destes homens e mulheres que vinham do litoral junto ao mar.

Quanto às infraestruturas sanitárias e segundo os dados provisórios do *Censo* de 91, todos estes lugares dispõem de água, electricidade e recolha de lixo. Em relação à rede de esgotos apenas está instalada em Escaroupim e Valada.

Há porém que chamar a atenção que outros lugares são referenciados por Alves Redol, em *Avieiros*, como comunidades piscatórias com características semelhantes aos núcleos anteriores. É o caso de Vau e Toureira. Em Vau pudemos

observar que se trataria de uma povoação de dimensões muito reduzidas, de difícil acesso, e de que hoje, praticamente, só restam ruínas. Toureira terá tido um percurso idêntico e por isso não é referenciada em qualquer recenseamento da população.

A geografia dos lugares leva-nos, a partir das informações fornecidas por Alves Redol, a fazer algumas distinções entre eles e que decorrem, como já se referiu, das diferentes funções que representavam para os *avieiros*. Ao longo do texto é possível traçar algumas distinções entre os lugares onde habitam, os lugares onde comercializam o peixe - sável, fataça -, esteiras ou pequenos cestos; os lugares onde pela época dos Santos ou pela da feira anual alguns se deslocavam com objectivos que se podem considerar lúdicos.

Para os *avieiros* que vão conseguindo deixar o barco - onde viveram durante anos -, a casa constrói-se em Escaroupim, na Palhota, Vau, Toureira ou junto ao cais de Vila Franca (Fotografias nºs 5 e 6).

Todos os anos o "Tejo depõe ou decompõe praias iguais que não chegam a criar história..." "Aquela praia porém ficou. E os *avieiros* sem casa, vagabundos do rio, começam por ali a erguer as suas barracas. Pequenas talvez para que não as vissem; ou tímidas para que não as mandassem destruir. As primeiras apareceram à ilharga do rio e voltadas para o Norte; as segundas vieram depois e foram dispostas lá atrás numa segunda linha e a aldeia ficou com uma rua

² Sobre a importância dos *avieiros* naquele centro urbano veja-se o estudo de MARIA MICAELA R. T. SOARES - 1973/1974 - *A Casa Avieira em Vila Franca de Xira*, Lisboa.



Fot. 5 - Barcos de avieiros, actualmente, em Escaroupim.



Fot. 6 - Barcos de avieiros, actualmente, em Vila Franca de Xira.

estreita, de areia suja e erva rala, e outra larga, de água, mais larga e longa do que qualquer avenida de uma grande cidade, porque é o próprio Tejo."... "As palhotas são todas iguais"... "Onde os pais amam e os filhos aprendem; onde os doentes se queixam, gemendo, e os sãos se queixam calando."

Juntava-se a madeira ao longo de meses para depois se construir um palheiro idêntico ao deixado na Praia da Vieira. "No mouchão à guarda do maioral Luís lá tinham eles alguma madeira guardada para a barraca, além de quatro folhas de zinco, ainda boa, que a Olinda agarrara na vazante da última cheia grande" (p.163). Mas antes de poder ser habitada os avieiros nasciam, viviam, os que a morte não levava cedo, trabalhavam, sempre junto ao rio. "A casa salvo seja, fica com dois andares: um debaixo do casco do bote, a cuja sombra se acolhem para se pentear, conversar e lavar os filhos - quarto de banho e sala; para cima sobem por uma escada de ripas, e lá dormem sob o toldo ou tecto de palha e esteiras." (p.247). "...Toldo armado no tempo de chuvas e estrelas nas noites quentes" (p. 161).

A relação com outros lugares fazia-se consoante o motivo da deslocação. Assim, percorrendo, apenas, alguns núcleos populacionais ao longo do texto, Salvaterra era local de venda quer de peixe quer do artesanato que executavam. "Já vendeste os cestos? perguntou para o avieiro. Já pois, no domingo no mercado de Salvaterra..." (p. 164). Lisboa é, tal como para muitos milhares de portugueses, o mito da grande cidade. Também aqui o imaginário do avieiro o fazia sonhar. "Lisboa é coisa boa... Sim coisa catita pra ganhar dinheiro e ter onde gastá-lo. Ao menos isso...." (p.175).

4 - AS PERSONAGENS E O UNIVERSO SOCIAL

No universo geográfico e social onde se desenrola a história de *Avieiros* é possível, ainda que com aproximação, traçar uma breve caracterização social da população que constituía estes pescadores do Tejo.

Clotilde, madrinha de Olinda e que a recebeu em casa para lhe proporcionar uma vida melhor, representa a personagem cujos horizontes se situam na pequena burguesia. Tal como o comerciante de Valada do Ribatejo que vendia a crédito mas exigia juros elevados. "... O homem não fia mais... Mandaste-me comprar o lenço e ficámos lá com mais de cem mil réis; diz que não pode.

- Leva-lhe uma fataça boa.

- A gente paga e ainda dá peixe; paga-se duas vezes"

A trilogia formada por Zé Malho, Espanta e Tubarão personifica muitos dos insucessos dos avieiros. O primeiro é proprietário das redes; o segundo o fiel empregado e que junto aos pescadores o representa, fazendo e desfazendo contratos, frequentemente, em função de favores, informações... Tubarão personifica outras formas de corrupção. "Era alcunha no Tejo para o fiscal da pesca, que passava por sócio nas redes de Zé Malho..." (p. 185). É "o Tubarão quem manda no rio dos avieiros... Senhor do rio, das redes, dos barcos e dos pescadores".

Mas na obra de Alves Redol a maior parte do universo social tem como referência principal a população pobre, que depende do proprietário das redes, do fiscal, do comerciante, dos intermediários. São dezenas de Olindas Carramilo e de Toinos da Vala que estão presentes directa ou indirectamente nas aldeias contruídas pelos *avieiros*.

Porém Olinda Carramilo, que assume quanto a nós a personagem mais rica da obra, ultrapassa largamente a mera função da mulher casada com um pescador. Alves Redol dá-lhe uma dimensão muito mais rica e vasta. As suas funções extravasam o simples trabalho doméstico ou vulgar quotidiano da mulher ou da mãe.

"- ... Às mulheres basta trabalhar e ter filhos..." afirma alguém ao longo do texto (p. 187).

Porém, ela assume-se com iguais direitos e deveres de qualquer pescador. Ela é olhada na comunidade como a mulher que de algum modo se libertou de um conjunto de "valores" que sempre fizeram parte do universo masculino. "...Vale-te a companheira que arranjaste" (p.150).

"Quem manda é ela. ...Aposto que nunca lhe deste um murro..." (p. 150).

Olinda tem consciência do que representam para o marido estes comentários carregados de ironia. Por isso quando um dia ele lhe bate e João Marujo tenta afastá-lo, ela sacode-o e afirma: "vocês agora viram todos que o homem é ele". Porém, em casa, longe dos comentários alheios, ela volta a ser a Olinda revoltada. "... Havia três semanas que ela se recusa a dormir debaixo do toldo... Já a chamara por cinco vezes para junto dele, à noite, e ela pegava na manta, sózinha, e ia deitar-se à ré"

Mas Olinda Carramilo personifica também, a mulher que toma consciência política da sociedade que a rodeia. Facto tanto mais importante quanto no país essa consciência parecia adormecida, ou não havia condições para

se manifestar principalmente nas classes mais pobres. Mas, sobretudo, porque essa consciência é assumida por uma personagem feminina. Ao ser uma das principais defensoras de se organizar uma cooperativa com vista a libertarem-se de Zé Malho e de intermediários, Olinda Carramilo é o exemplo de como uma mulher, pode simbolizar a voz de muitas outras mulheres e de muitos outros homens que se mantiveram anónimos.

Mas Olinda representa também, à primeira vista paradoxalmente, as mulheres resignadas, embora sem nunca perderem a esperança. Quando uma outra cheia do Tejo lhes leva a casa que já tinham construído, é com a mesma força que ao ver madeira grita para o marido:

"- Olha Toino! Prà casa da gente "

"Nómadas do rio, como ciganos na terra, tinham vindo da Praia da Vieira e faziam vida à parte: chamavam-lhe os avieiros".

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Ferreira de (1991, 38ª ed) - *A Selva*, Guimarães editores, Ltd, Lisboa, 220 pp.
 _____ (1966, 13ª ed.)- *Emigrantes*, Livraria editora Guimarães e Cª, Lisboa, 304 pp.
- COELHO, António Matias (1985) - *Os Últimos Avieiros do Tejo no concelho da Chamusca - o rio, o homem, o barco, as redes*, ed. Câmara Municipal de Chamusca, Chamusca, 23 pp.
- BIANCHI, E. (1985) - *Geografie Private*, ed. Unicopoli, Milão.
- DAVEAU, S. e GALEGO, J. (1986) - *O Numeramento de 1527-1532. Tratamento Cartográfico*, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, nº 9, Lisboa, 119 pp.
- GARCIA, João Carlos (1986 a) - "Eça de Queiroz na Aquitânia - O turismo no fim do século" em, *1ªs Jornadas de Estudos Norte de Portugal/Aquitânia*, Porto, pp. 381-395.
- _____ (1986 b) - *O Espaço Medieval da Reconquista no Sudoeste da Península Ibérica*, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.
- GIRÃO, A. de Amorim (1960) - *Geografia de Portugal*, Portucalense Editora, 3ª edição, Porto
- IBARZ, J. Vilagrasa (1988) - "Novela, Espacio y Paisaje: Sugerencias para una Geosofia Estetica" em: *Estudios Geograficos*, vol. XLIX, nº 191, Madrid, p. 271-285.
- MOREIRA, Vital (1982) - "Paisagem Povoada: A Gandara na obra de Carlos de Oliveira" em: *Vértice*, nº 450/1, Coimbra, pp. 712-728.
- REDOL, Alves (1980) - *Avieiros*, 8ª edição, Sintra.
- SOARES, Micaela R. T. (1973/1974) - "A Casa Avieira em Vila Franca de Xira", em *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, II Série, nºs LXXIX-LXXX, Lisboa.
- VERDAGUER, C. Carreras (1988) - "Paisaje Urbano y Novela" em: *Estudios Geograficos*, vol. XLIX, nº 191, Madrid, pp. 165-187.